



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 12 | Nº. 22 | Jan./Jun. 2020

Maria de Fátima de Morais Pinho

Universidade Regional do Cariri – URCA
fatima.pinho@urca.br

A BEATA, O PADRE E UM MILAGRE: a repercussão dos “milagres do Juazeiro” e seus protagonistas na imprensa (1887-1891).

RESUMO

No artigo que segue, é nossa intenção apresentar a repercussão dos chamados “fatos extraordinários do Juazeiro” na imprensa brasileira entre 1887 - quando circulou uma primeira notícia sobre uma “jovem piedosa do Crato” - até 1891, quando a Igreja do Ceará decreta a proibição de crença e divulgação dos mesmos. Para tanto, trabalhamos com os jornais disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Palavras-chave: Imprensa. Padre Cícero. Beata Maria de Araújo. Milagres.

THE BLESSED, THE PRIEST AND A MIRACLE: the repercussion of the “miracles of Juazeiro” and its protagonists in the press (1887-1891).

ABSTRACT

In the following article, our intention is to present the repercussion of the so-called “extraordinary facts of Juazeiro” in the Brazilian press between 1887 - when the first news was circulated about a “pious young woman from Crato” - until 1891, when the Church of Ceará decreed the ban of belief and dissemination thereof. To do so, we work with the newspapers available at the National Library's Hemeroteca Digital.

Keywords: Press. Father Cicero. Blessed Maria de Araújo. Miracles

Introdução¹

Em 01 de março de 1889, no povoado do Juazeiro, então termo do Crato, uma jovem moça chamada Maria Magdalena do Espírito Santo, popularmente conhecida como “beata Maria de Araújo”, ao receber a Hóstia Consagrada das mãos do padre Cícero Romão Baptista percebeu que esta se transformara em sangue, fato que voltaria a ocorrer mais de uma centena de vezes durante, pelo menos, dois anos.

Interpretado e anunciado como uma segunda “redenção” de Cristo, portanto, como um milagre, o fato irá mudar definitivamente a vida da beata, do padre e do povoado, colocando-os no cerne do debate médico, religioso, social e político que irá marcar o final do século XIX chegando até os nossos dias.

Ao longo do artigo analisaremos como o fenômeno de transformação da hóstia em sangue repercutiu e reverberou na imprensa brasileira nos anos de 1887 a 1891, com enfoque nos seus protagonistas - a beata e o padre -, buscando perceber como estes eram retratados, significados e ressignificados, produzindo múltiplas representações e ensejando a recriação e consolidação de estereótipos, conceitos e interpretações a respeito de suas imagens.

“A virgem piedosa” do Crato: fenômenos extraordinários antes do milagre

Dois anos antes da data consagrada pela historiografia como sendo a primeira vez que ocorreu a transformação da hóstia consagrada em sangue na boca da beata Maria de Araújo, em 1º de março de 1889, dois jornais de Fortaleza veiculam uma notícia enviada do Crato na qual se comunica a existência de uma “virgem piedosa” moradora do povoado do Juazeiro, que carregava no corpo os estigmas de Jesus Cristo e manifestava dotes considerados sobrenaturais.

Publicada pela primeira vez no jornal cearense *A Constituição*, em 17 de abril de 1887, a notícia alvissareira foi reproduzida em jornais de sete províncias brasileiras, chegando até a Europa através do periódico português *O Economista*.

O *Diário de Pernambuco*, publicado em Recife, foi o primeiro a reproduzir a notícia em 24 de abril da seguinte forma:

UMA SANTA NO CEARÁ – A Constituição, folha da cidade de Fortaleza, publicou em 17 deste mês a seguinte notícia:

¹ Este artigo é parte de minha tese de doutorado defendida no programa de pós-graduação em História Social da UFF, intitulada **PADRE CÍCERO: ANJO OU DEMÔNIO?** Teias de notícias e ressignificações do acontecimento padre Cícero (1870-1915). Disponível in: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/2173.pdf>

De uma carta do Crato extraímos a seguinte notícia:

“Todo o povo do Crato acha-se alarmado com a notícia de uma virgem piedosa residente no Juazeiro e confessada do padre Cícero. Diz o rumor público que ela é santa em carne viva e que tem como Anna Catharina de Emmerich, visíveis em seu corpo todos os estigmas da paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo.

“Alma santa, sofre, tão duro martírio que admira como ainda vive, sendo ela manancial de sangue e de dores impossíveis de suportar sem graça especial de Deus.

“Os propagadores do facto extraordinário invocam o testemunho do padre Monteiro que, lhe dando a comunhão a virgem, viu Jesus sacramentado tornar-se visível à sua serva. Se é verdade, eu felicito o sr. D. Joaquim, por ser o único bispo do Brasil que tem uma santa em sua diocese.

“Dizem chamar-se Maria de Jesus a bem-aventurada, e que tem apenas 28 anos”. (Diário de Pernambuco, Nº 93, 24/04/1887, p. 3).

Ainda no mês de abril, no dia 24, outro periódico cearense, *O Libertador*, em sua página 1, na coluna *A semana* dedicada a assuntos políticos e sociais, esboça um tom irônico ao despedir-se de deputados e senadores cearenses que estavam de partida para o Rio de Janeiro: “Santa Maria de Jesus do Juazeiro os conduza e por lá os deixe”! Em seguida, complementa:

Ah! Passei o pé adiante da mão.

Ainda não apresentei esta santa, a Anna Catherina Emmerich brasileira.

Fique pois o eleitor sabendo que eu vou lhe apresentar aquilo que voce menos esperava.

Sim Senhor, santa Maria de Jesus, que tem 28 annos de idade, é confessada do padre Cícero, com o testemunho do monsenhor Monteiro, vigário de Iguatú, mora no Joaseiro dos Cariris, logar de eleições celebres.

[...] A “Constituição”, já felicitou a D. Joaquim. E nós apresentamos apenas o caso à policia, considerando a santidade como atentatoria da atual ordem de coisas. (*O Libertador* - CE, Nº 113, 24/04/1887, p. 1).

Enquanto a notícia era reproduzida em periódicos nacionais sem acrescentar comentários ou expressar opinião de seus editores, o jornal português, através do correspondente do Brasil, anuncia: “[...] já que trato aqui do Ceará, darei conta de um milagre que se opera n’aquela cidade, não porque tenha visto, mas pelo que se escreve” (*O Economista* (Lisboa) – Portugal, Nº 1768, 28/07/1887, p. 02).

Após transcrever na íntegra a notícia publicada no vespertino cearense, argumenta: “[...] O milagre aqui está manifesto! Creio haver fundamento para escrever d’este modo; mas confesso que me custa a crer em tanto sofrimento pelo amor de Deus e em tão grande dedicação pelas coisas religiosas” (*O Economista* (Lisboa) – Portugal, Nº 1768, 28/07/1887, p. 02).

Ainda que apresentadas com estrutura de escrita diferentes trazem as mesmas informações, permitindo levantar algumas questões importantes na análise que se encontra em processo de desenvolvimento. A primeira delas diz respeito à hipótese de

que os fatos ocorridos com a beata já eram de conhecimento público, alvo constante de comentários, discutidos de boca em boca.

Uma particularidade igualmente importante na notícia citada está relacionada ao papel atribuído a cada personagem, nos acontecimentos: Maria de Araújo, cujo nome dá título à matéria, é apresentada como a protagonista dos fatos, sendo qualificada como “Uma Santa no Ceará”, a bem-aventurada, piedosa, enfim, aquela que sofre os martírios de Jesus; Monsenhor Monteiro vem na sequência como aquele que ministra a comunhão à beata e é conclamado como testemunha do fenômeno; O padre Cícero sequer é citado na primeira notícia e, na segunda, figura apenas como “confessor” da beata.

“Muitas vozes antes do silêncio”: a repercussão dos “milagres do Juazeiro” na imprensa brasileira

Retumba d’um a outro canto do globo a notícia do miraculoso fato realizado na florescente povoação do Juazeiro, do termo do Crato, terra santa que passa aos domínios da história e atualmente mais conhecida por Nova Jerusalém (Constituição – CE, Nº 163 10/10/1889, p. 02).

A notícia em epígrafe não foi a primeira a alardear que num povoado do Crato, no Ceará, sucediam fenômenos sobrenaturais, porém, nos dá a noção de como o assunto ganhou repercussão e projeção na imprensa de todo o Brasil e além dele.

Ocorrido em 1889, somente em 1891 é que a Igreja do Ceará assumirá uma postura oficial acerca dos fatos do Juazeiro, convocando o padre Cícero à sede do episcopado em Fortaleza para prestar esclarecimentos e, em seguida, nomeando uma Comissão de Inquérito para apurar, *in loco*, o fenômeno que tanto burburinho vinha causando na imprensa.

Porém, antes dos trabalhos da comissão episcopal começarem, o bispo Dom Joaquim publica uma “Decisão Interlocutória” na qual declara: “[...] aquele sangue não é nem pode ser o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo”. A partir daí, proíbe a adoração aos sanguíneos manchados de sangue e impõe a todos os religiosos e fiéis um “silêncio obsequioso”.

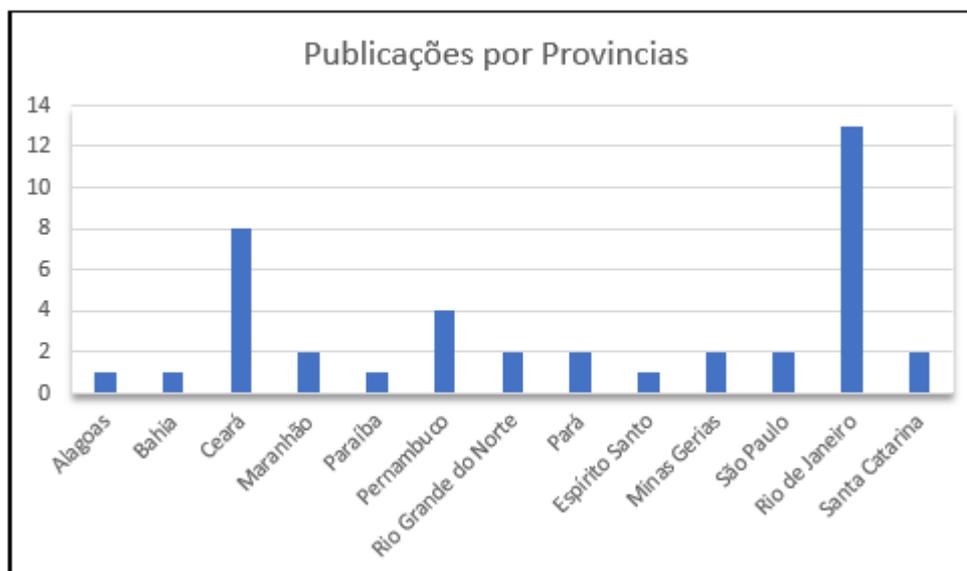
Contudo, entre os anos de 1889 a 1891, a notícia dos fatos extraordinários do Juazeiro já circulava em periódicos do Brasil, conforme demonstrado na tabela abaixo:



Fonte: Elaborada pela autora a partir dos jornais da BNHD

Na tabela chamamos a atenção para as publicações de 1889, ano que ocorreu pela primeira vez o sangramento da hóstia. Naquele ano, a notícia contou com 24 publicações, em 09 províncias do Brasil, o que é um dado bastante significativo se considerarmos tratar-se de acontecimentos transcorridos num povoado do interior do Ceará nas últimas décadas do século XIX, no qual a dinâmica do tempo é caracterizada, segundo assinala Barbosa (2010, p. 75), pela lentidão dos movimentos, fazendo com que a circulação das notícias, principalmente, entre o sertão e o litoral, se desse de forma precária em decorrência da falta de tecnologia nos transportes e comunicações. Tal abundância de notícias é assaz significativa, posto que permite a reflexão sobre as condições e estratégias utilizadas para que chegassem aos periódicos das mais distintas províncias do Brasil na tentativa de identificar seus narradores, objetivos e maneira de narrar os acontecimentos.

Em outro gráfico, apresentado abaixo, é possível perceber o quanto a notícia percorreu o território brasileiro de forma, relativamente, rápida.



Fonte: elaborada pela autora a partir dos jornais da BNHD

De norte a sul, de leste a oeste do país, as notícias sobre a ocorrência de fenômenos sobrenaturais se alastravam através de cartas, artigos, testemunhos, atestados e documentos produzidos e reproduzidos pela pequena e grande imprensa em jornais do interior e das capitais das províncias, transformando em pouco tempo a rotina do lugar e de seus habitantes, conforme verificamos na tabela acima.

Das 18 províncias brasileiras, pelo menos 13 tomaram conhecimento, através dos jornais, dos fatos que vinham ocorrendo no povoado do Juazeiro. Dois aspectos podem ser destacados com base na tabela: O primeiro é a repercussão nas províncias do Nordeste, região em que o padre Cícero consolidou sua maior influência e de onde se origina o maior número de romeiros até os dias atuais, com destaque para o Ceará e Pernambuco. O segundo é a maior concentração de publicações no Rio de Janeiro, capital da República, o centro do poder político, a província mais populosa, onde a vida acontece de forma mais rápida e intensa, fator importante para entender como se dava a construção de sentidos e representações dos fatos tão longínquos do sertão brasileiro.

O milagre se fez verbo: narrativas na imprensa sobre o milagre do sangramento da hóstia.

Mantidos sob sigilo e reserva, circunscritos ao âmbito de alguns sacerdotes e amigos do padre Cícero, os fatos sobrenaturais de Juazeiro voltam a circular na imprensa em 1889, agora com uma novidade mais impactante: a hóstia consagrada, ao ser ministrada em comunhão a uma virgem piedosa, transforma-se em sangue.

Em 19 do mesmo mês o jornal *Pedro II*, de Fortaleza, publica uma carta enviada do Crato anunciando a ocorrência do fenômeno com a seguinte indagação: “Será Milagre”? O que até então estava restrito à oralidade ganha narrativa, textualidade, fazendo-se verbo. Narrado, em princípio, por uma ou duas pessoas, o fato populariza-se na imprensa, passando a ser o cerne de acalorados debates entre religiosos, leigos, jornalistas e até políticos.

A primeira notícia sobre os acontecimentos de Juazeiro chega aos jornais através de uma carta enviada da cidade do Crato cujo título, em letras maiúsculas, indaga: “SERÁ MILAGRE?”

Na povoação do Juazeiro, termo do Crato, existe uma mulher moça, de reconhecidas virtudes. Desde algum tempo, a datar de sexta-feira santa do corrente ano, que nas confissões que faz, por ocasião de comungar, a partícula sagrada desfaz-se em sangue, de modo que a toalha da mesa de comunhão está completamente manchada de sangue, como diversos sanguíneos e corpóreos, que ontem, 8 de julho, foram exibidos por Monsenhor Francisco Rodrigues Monteiro, na capela da mesma povoação, a um concurso de mais de 2 mil pessoas.

O Rvd. Padre Cícero Romão Baptista, que é o confessor de Maria de Araújo (assim se chama a virtuosa moça) afirma o fato já descrito, que ainda ontem, antes da missa cantada e sermão, reproduziu-se, de modo que o sangue estava visivelmente novo.

Assistimos com nossa família a exibição dos panos e ouvimos do próprio padre Cícero, sacerdote de costumes puríssimos, afirmar que tem tido a felicidade de presenciar esta maravilha por diversas vezes.

Chame a atenção de Exmo. Sr. Bispo e poderes eclesiásticos para esse acontecimento à que também não deveria ser diferente o governo.

Está este mundo por cá está em completo movimento!! É um caso extraordinário e sobrenatural (Pedro II – CE, Nº 06, 19/07/1889, p. 02).

Embora não informe o nome do remetente, levando-se em conta o estilo de escrita é provável que tenha sido redigida por José Marrocos², que envia outras três para os periódicos *O Diário do Commercio* (Nº 257, 19/08/1889, p. 2) e *Cidade do Rio* (Nº 194, 29/08/1889, p. 3), ambos publicados no Rio de Janeiro e o *Diário de Pernambuco* (Nº 194, 29/08/1889, p. 3), de Recife. O autor relata o momento em que monsenhor Monteiro faz, pela primeira vez, o anúncio dos fatos extraordinários com apresentação dos panos que paramentam a missa, sanguíneos e corpóreos manchados de sangue.

Destaca, principalmente, a quantidade de sangue derramado com panos e toalhas encharcados, exibidos para uma multidão de 2 mil pessoas. O narrador busca convencer o leitor de que os fatos são verdadeiros, afirmando ter sido ele próprio, junto com a

² José Joaquim Teles Marrocos (1842-1910). Primo e amigo do padre Cícero. Nasceu no Crato, foi abolicionista, educador e jornalista. É considerado na historiografia como o grande narrador e defensor dos milagres do Juazeiro.

família, testemunha ocular dos fatos. Declara, ainda, ter ouvido do padre Cícero - que considera ser um sacerdote de “costumes puríssimos” e confessor da beata - que um sangue “visivelmente novo” se apresentou, afastando a possibilidade de se tratar de um embuste.

Vale destacar na narrativa a forma como o autor cita Maria de Araújo, reconhecendo ser ela de “reconhecidas virtudes”, denotando nas entrelinhas que não se está falando de uma pessoa desconhecida com caráter duvidoso, mas de alguém que não é ignorada pela comunidade.

Enfim, vê-se um esforço de chamar a atenção do bispo, da Igreja e do governo para aqueles episódios, por acreditar que se trata de um “caso extraordinário e sobrenatural” forte o suficiente no sentido de colocar o “mundo de cá” em movimento, demonstrando que o fato já havia se estabelecido envolvendo a população de forma irreversível.

A notícia chega ao Rio de Janeiro em 19 de agosto, publicada no *Diário do Commercio*:

Na capela de Nossa Senhora das Dores, erecta (*sic*) na povoação do Juazeiro, teve lugar um verdadeiro milagre, presenciado por inúmeras pessoas entre os quais um cavalheiro merecedor de toda fé, o qual, em carta a outro morador nesta cidade, dele dá notícia nos seguintes termos:

Quando o padre Cícero dava comunhão à virtuosa beata Maria de Araújo, transformou-se a sagrada forma em sangue que caiu na toalha e na murça da beata, fato que se foi dando todas as sextas-feiras e depois diariamente.

A princípio entendeu dever o padre Cícero ocultar quanto acontecia; mas afinal revelou-se ao Revma. Monsenhor Monteiro, vigário do Crato, e com este insistiu para que viesse à capela, o que foi o mesmo vigário em 7 de julho próximo findo, celebrar e festejar o Precioso Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo (*Diário do Commercio*. Nº 257. 19/08/1889, p. 02).

Para que a notícia inspire credibilidade no que está sendo veiculado, o autor deixa claro que as informações ali contidas foram enviadas por alguém de confiança, testemunha dos fatos, em quem se pode acreditar.

A narrativa dos acontecimentos se assemelha à da carta publicada no jornal *Pedro II*, porém, a postura do padre Cícero em se recusar a dar publicidade aos fatos sobrenaturais desponta como um diferencial. A repercussão até aquele momento resultou da iniciativa daqueles que, testemunhando os episódios, os comentavam incessantemente não mais se restringindo apenas à cidade do Crato, a qual o povoado estava vinculado.

Dez dias depois foi a vez de outro importante periódico, o *Diário de Pernambuco*, veicular informações sobre os fatos com a manchete “FATO ESTUPENDO”. Diz o jornal:

Deixaria de cumprir um dever para com sua imprensa, se não comunicasse um caso todo extraordinário e misterioso, que aos meus olhos se torna maior do que o sucedido na diocese de Tarbes, quando no dia 11 de fevereiro de 1858 teve de aparecer a rainha do mundo a Bernardette na gruta de Lourdes (Diário de Pernambuco. Nº 194, 29/08/1889, p. 03).

Observe-se que o autor detém algum conhecimento sobre a história da Igreja, comparando os fatos de Juazeiro com eventos sucedidos em Lourdes, considerando-os um acontecimento superior e até mais misterioso do que as visões e aparições de Nossa Senhora à jovem Bernardette, na França.

A narrativa dos fatos dizia:

Há três léguas desta cidade, demora um povoado denominado Juazeiro, onde habita Maria de Araújo, mulher mais preta que parda, de estatura baixa e compleição franzina: é bastante feia e representa a idade de 18 a 20 anos. Sua vida, leva-a toda de orações na igreja do referido povoado, arrumada à um canto das grades; e durante a quaresma e mesmo antes dela, indo o respectivo capelão, Revdo. Cícero Romão Baptista, dar a comunhão às mulheres que haviam comparecido à mesa, ao chegar à Maria de Araújo a sagrada forma dissolvia-se em sangue de modo tão pronunciado e evidente que manchou-lhe os punhos e a toalha da comunhão! E ainda não é tudo. De outra vez sendo Maria de Araújo acometida de uma síncope, o mencionado sacerdote sobressaltado deitou um pouco de vinho num cálix, benzeu-o e foi dar-lhe a beber o conteúdo, que transformou-se na aproximação à Maria de Araújo em sangue vivo; e ela repugnando bebeu-o, afinal o fez em obediência a ordem do Rev. Cícero (Diário de Pernambuco, Nº 194, 29/08/1889, p. 03).

A descrição de Maria de Araújo, que àquela altura dos acontecimentos contava com 25 ou 27 anos, contraria o que diz o texto, apontando para a representação de uma mulher frágil, sem atrativos físicos, resignada, alheia à vida mundana, dedicada inteiramente à oração e à Igreja, características típicas de quem se candidata à santidade.

Ao narrar os acontecimentos, deixa transparecer que há uma cumplicidade paternal entre a beata e o padre e que um e outro desempenham papéis distintos no cenário do milagre, posto que, enquanto nela se opera a transformação da hóstia em sangue no momento da comunhão, em quantidade capaz de molhar as suas roupas e os sanguíneos, ao padre cabe a função de mediador.

O autor destaca a intenção do padre Cícero, como no *Diário de Pernambuco*, de manter sigilo e reserva em torno dos episódios, não mais lhe sendo possível, acrescenta, devido ao grande número de pessoas que, ao participar da comunhão, testemunhavam diariamente a ocorrência dos fenômenos, sobretudo, depois do dia 7 de julho.

Atribuindo adjetivos lisonjeiros ao padre Cícero como “alma cândida” e “o mais virtuoso” dos sacerdotes daquela diocese, o narrador informa que desde o dia da

anunciação pública do fenômeno Cícero conservou a “[...] relíquia (toalha e sanguinhos) encerrados em uma urna de vidro, a qual expõe, na primeira sexta-feira de cada mês, à reverência dos fiéis”.

Conclui seu texto dizendo:

[...] É provável que esta fiel exposição de um acontecimento sobrenatural levante a incredulidade e que esta o comentem a seu sabor. Mas o que é certo, é que foi ele testemunhado por mais de trinta mil pessoas e que o Juazeiro tem se tornado uma Nova Jerusalém pela romaria dos povos vizinhos (Diário de Pernambuco, Nº 194, 29/08/1889, p. 03).

Antecipando-se à provável incredulidade dos leitores, invoca o testemunho de um número bastante significativo de pessoas - 30 mil - oriundas das cidades vizinhas. Considerando que o povoado de Juazeiro naquele período era de 2.245 habitantes, a estimativa feita equivale a quase quatorze vezes mais a população do povoado. Ainda que tenha sido exagerado, nos permite averiguar o quanto os acontecimentos se alastraram via oralidade, transformando o panorama daquele lugar.

O vasto fluxo de pessoas, concluiu o narrador, tem transformado o povoado de Juazeiro numa “Nova Jerusalém”. É a primeira vez que a expressão é utilizada para demonstrar a quantidade de visitantes que, curiosos ou movidos por questões de fé, queriam conferir, pessoalmente, os fenômenos sobrenaturais.

Após essas primeiras publicações, jornais de outras províncias as reproduzem num processo contínuo de retroalimentação. A maioria das reproduções não continha comentários ou opiniões que expressassem a percepção de quem representava o jornal, no entanto, quase todas acrescentavam um título, uma espécie de manchete sensacionalista: “Milagre” (*Conservador* - SC, Nº 181, 16/09/1889, p. 1); “Fato estupendo” (*Gazeta do Natal* - RN, nº 136, 21/09/1889, p. 3); “Prodígio” (*O Povo* - RN, Nº 28, 14/09/1889, p. 3), “Fato extraordinário” (*O Cruzeiro* - RJ, Nº 33 22/02/1890, p. 1).

É preciso ressaltar que a imprensa busca por fatos extraordinários, excepcionais, que povoavam o universo místico da sociedade. Esse tipo de matéria, especialmente veiculado na França do século XIX ficou conhecido como *Faits Divers* e também teve grande influência na produção da imprensa nacional.

Para Roland Barthes, a principal característica do *fait divers* é ser “uma informação total, ou mais exatamente, imanente; ele contém em si todo seu saber: não é necessário conhecer nada do mundo para consumir um *fait divers*; ele não remete a nada mais, além dele mesmo” (BARTHES, 1966, p. 189 apud DION, 2007, p. 125).

Portanto, as narrativas sobre os fatos do Juazeiro eram produzidas de forma a apresentá-los como um acontecimento curioso, espetacular, surpreendente, magnífico, místico. Poucos jornais faziam comentários ou qualquer juízo de valor, limitando-se, quase sempre, a apenas descrevê-los.

Contudo, ainda em 1889, *Jornal Novidades*, do Rio de Janeiro, ao transcrever uma notícia publicada no periódico *Constituição*, de Fortaleza, levanta, pela primeira vez, a hipótese de o fenômeno do sangramento da hóstia ser causado por questões de saúde ou mesmo um “truque” do padre Cícero:

Não seria algum pequeno tumor que arrebatasse nessa ocasião? Não levaria o santo padre alguma porção de sangue guardada nos dedos por um involucro de cera? Já vimos coisas mais engraçadas feitas pelo Hermann em S. Paulo (*Novidades* – RJ, Nº 468, 22/08/1889, p. 01).

No decorrer de 1890, com o debate já instaurado na imprensa, um jornal de Fortaleza, o *Libertador*, publica um artigo no qual traz uma contundente crítica aos fatos e seus protagonistas:

A respeito dos celebrados milagres que há muito se operam na archi-famosa povoação do Juazeiro, da comarca do Crato, duas vezes notável por ser o ninho do mais desbragado e ridículo fanatismo, como pelas audaciosas falsificações eleitorais dos bons tempos da velha monarquia, escreve-nos pessoa circumspecta. (*Libertador*, Nº 189, 20/08/1890, p. 02)

Juazeiro passa a ser considerado como um lugar que, a despeito dos “celebres milagres” é também um ninho de ridículo fanatismo e eleições fraudulentas. Feita essa observação introdutória, divulga um texto enviado por uma pessoa que qualifica como ajuizada, atinada. Nele o autor afirma:

O padre Cícero Romão que sempre teve vocação para idiota converteu o Juazeiro em feudo do fanatismo, onde impávida campeia a impostura de coroa e sotaina.
Abusando da religião, tem-se constituído ali o instrumento dos planos sinistros do celebre falsificador de atas; procurando indispor o povo ignorante, que acredita em seus embustes, contra os republicanos que ele apresenta como pedreiros livres e inimigos do altar.
Si não fora o pleno conhecimento que tenho do idiotismo desse padre, aconselharia ao governo que applicasse-lhe o 23 (*Libertador* – CE, Nº 189, 20/08/1890, p. 2).

Pela primeira vez o padre Cícero, elemento central da narrativa, é atacado, considerado pelo autor um homem desprovido de inteligência e caráter, apontado como o grande mentor do que chama “indústria de criar milagres”.

Há uma intenção clara de associá-lo à política partidária acusando-o de ser o pivô das polêmicas eleições de 1884, sugerindo que o sacerdote se utiliza da religião para manobrar, politicamente, o povo “ignorante” contra o recém-implantado Regime Republicano.

Com a mesma determinação, acusa o padre Cícero de aproveitar-se da religiosidade do povo como instrumento de dominação dos pobres e ignorantes, incentivando o fanatismo como forma de manipulação. Diz o narrador:

Para bem firmar o fanatismo no espírito do povo, toca a inventar milagres. Industriou uma de suas beatas a declarar-se santa. Confessa-se com Deus todos os dias e considera-se em corpo e alma no reino do céu. Afirma o padre que quando ministra-lhe a comunhão a *hóstia desmancha-se em sangue!!!* Os milagres multiplicam-se. Além da *bem-aventurada* Maria, aparece outra que *sua* sangue por todos os poros, para todo mundo ver! Não fica ainda aí a milagreira de que tem sido teatro aquela meca do padre Cícero. As beatas espalham, com visos de verdade, que aparecera um pobre homem (notem bem que é homem) em *estado interessante*, que teve o arrojo de duvidar da autenticidade dos milagres! (Libertador – CE, Nº 189, 20/081890, p. 2).

Está posto em sua narrativa a ideia de que os propalados *Milagres da Hóstia* não passam de uma invenção do sacerdote que, ávido por obter fama e poder, transforma Juazeiro numa “meca de fabricar milagres”, estabelecendo uma relação de controle e manipulação para com as massas pobres, mas, sobretudo, com as mulheres beatas, especialmente Maria de Araújo que, segundo sua versão, é induzida pelo sacerdote a se declarar santa.

No último trecho da narrativa, o autor declara-se triste por “[...] morar numa terra tão atrasada”, onde “[...] milhares palpavos ali vão diariamente em romaria ver com os próprios olhos a hóstia virada em sangue e o homem gravido. Ah! Eu bispo para meter esse padre no asilo! E não será isso caso para averiguações policiais?” (Libertador – CE, Nº 189, 20/081890, p. 2).

Traça, desse modo, o perfil do padre como o de um doente mental, manipulador e até criminoso, induzindo o leitor a crer que a beata é apenas uma pobre vítima de suas maldades e os romeiros, um bando de ignorantes, abobalhados e manipuláveis.

O foco da questão religiosa de Juazeiro sofre um deslocamento para o campo da política e do protagonismo, ainda que de forma negativa, na direção do padre Cícero.

À medida que os fenômenos ganham espaço cada vez maior na imprensa, atraindo ao povoado de Juazeiro, religiosos, jornalistas e, público em geral, com o objetivo de observarem, *in loco*, os acontecimentos e conhecerem de perto o padre e a beata. Muitas

vezes, ao assistirem os fatos extraordinários pessoalmente construíam narrativas e as publicavam em jornais de suas províncias, demonstrando o desejo de se colocar na posição de testemunhas para opinar sobre os acontecimentos, assim como para compartilhar a experiência vivida enquanto observadores. Relatos de celebrações com manifestações públicas das experiências miraculosas e sobrenaturais, verdadeiros espetáculos grandiosos e concorridos, estampavam as páginas de jornais.

A Semana Santa de 1891, ocorrida no povoado do Juazeiro, foi notícia no *O Estado do Ceará*, em 30 de abril, com o título “CIDADE DO CRATO”. Ressalta-se que se fez presente ao evento “[...] um enorme concurso popular, ficando toda a igreja tão cheia, que os fiéis assistiram em pé aos atos religiosos por não se poderem ajoelhar!” (Estado do Ceará, Nº 213, 30/04/1891, p. 02). A notícia informa, ainda, que estavam presentes na realização dos rituais religiosos “[...] doze sacerdotes, sendo o oficiante na festividade o Revdo. Padre Cícero Romão Baptista [...]”.

[...] Toda a festa correu mui pacífica e regularmente, embora a multidão quase inumerável do povo de todas as freguesias do Cariri e dos sertões limítrofes.

Cumprir notar que a procissão do enterro na sexta-feira da Paixão à noite apresentou um espetáculo imponente e maravilhoso.

A noite escura, e sob suas trevas vieram fulgurar outras tantas cintilações de luzes que se acenderam para a procissão, como estrelas vividas e fulgentes que boiavam no escuro da noite como brilhante e fosforescências de um mar de luzes.

Seguramente mais de vinte mil pessoas com velas acesas acompanharam a procissão do enterro e de qualquer parte que se olhasse para longe préstito que já entrava numa rua quando mal começava a sair de outra, parecia ver-se o exército inumerável das estrelas em demanda dos espaços cerúleos do céu e do infinito. No meio pois deste mar de luz avultava, como soberana, a imagem sacrossanta da Mulher das Dores (O Estado do Ceará – CE, Nº 213, 30/04/1891, p. 02).

Percebe-se a necessidade de afirmar o caráter pacífico e ordeiro das celebrações, apesar da participação de uma multidão. Ao narrar a procissão do “senhor morto” vale-se de uma linguagem quase poética e emotiva, enfatizando a grandiosidade do evento ali realizado.

Passados dois anos desde a primeira publicação na imprensa sobre as manifestações miraculosas, a crença na veracidade dos fatos não se restringia somente aos pobres e desvalidos. Membros da elite, homens importantes, mulheres respeitadas, políticos e, sobretudo, um número significativo de sacerdotes passaram a não somente acreditar, mas testemunhar publicamente a autenticidade do que acreditavam ser o “verdadeiro sangue de Cristo derramado no Juazeiro”. (Della Cava, 2014, p. 92)

Sem a palavra oficial da Igreja e havendo por parte dos defensores dos chamados “milagres do Juazeiro” o desejo manifestado de que esta providenciasse as necessárias averiguações canônicas para, assim, tornar-se um evento oficial, começa a ser elaborado um plano mais audacioso, mais contundente no intuito de, por um lado, conquistar um público cada vez maior de adeptos e, por outro, pressionar a hierarquia para sair do silêncio e da inércia em que se encontrava. O primeiro passo nessa direção seria convocar a Ciência, o testemunho de alguém que não tivesse paixões religiosas, um representante da Medicina. Tal responsabilidade coube ao médico Marcos Rodrigues Madeira.

Convidado pelo padre Cícero para fazer um minucioso exame na beata Maria de Araújo, na quinta-feira, 26 de março de 1891, durante as grandiosas celebrações da Semana Santa no povoado de Juazeiro, o médico residente na cidade do Crato, vulgo Dr. Madeira, atesta que “[...] trata-se de um fato sobrenatural para o qual não [...] foi possível encontrar explicação científica”. (*O Cearense*, 24/04/1891, nº 85, p. 02)

Emitido o atestado com data de 28 de março, era necessário lhe dar publicidade, fato que ocorre em 24 de abril de 1891, na coluna “publicações solicitadas” do periódico *O Cearense*, de Fortaleza, trazendo a seguinte manchete: COMUNICADO - “Milagres na povoação do Juazeiro do Crato”. (24/04/1891, nº 85, p. 02). Escrito numa linguagem formal, traz na introdução as credenciais e referências biográficas do Dr. Madeira:

Marcos Rodrigues Madeira, doutor em medicina pela escola do Rio de Janeiro, médico adjunto do hospital de misericórdia da Capital Federal, sócio titular e benemérito do instituto farmacêutico da Capital Federal, ex-deputado provincial pelo 7º distrito do Rio de Janeiro, delegado da junta de higiene, etc., etc. (*O Cearense* – CE, Nº 85, 24/04/1891, p. 02).

A escolha do Dr. Madeira para atestar a sobrenaturalidade dos fatos não sucedeu à toa e aleatoriamente. O seu lugar de fala, conforme demonstram suas credenciais, é de alguém que tem autoridade no assunto, reconhecido na área em que atua, com serviços prestados na capital federal e, também, um político conhecido nacionalmente. Portanto, não se trata mais de testemunhos de leigos e padres movidos pela fé, mas de um profissional qualificado e respeitado no Brasil.

No documento, o médico expõe de forma minuciosa os procedimentos científicos realizados na beata. Ressalta que se deram na presença de um grande número de testemunhas entre padres, “cidadãos de reputação insuspeita” e pessoas comuns.

A publicação do documento provoca um verdadeiro burburinho na imprensa nacional, que, reproduzindo-o integral ou parcialmente em diversos jornais de diferentes

províncias, fomenta ainda mais a polêmica em torno dos fatos sobrenaturais de Juazeiro, suscitando críticas, desconfiança e questionamentos à medida que instaura o debate científico acerca da veracidade que lhe foi atribuída.

A ampla divulgação do atestado do dr. Madeira confirmando o caráter “sobrenatural” dos fatos do Juazeiro, igualmente não ocorreu de forma espontânea e aleatória. Foi parte de uma estratégia elaborada pelos seus defensores liderados por José Marrocos, cujo objetivo consistia em atrair a atenção da Ciência e da Igreja para o que ocorria no povoado.

Neste sentido, foi publicado, em colunas pagas, artigos apresentando o citado documento em, pelo menos, 05 periódicos, de 05 províncias diferentes:

PROVÍNCIA	JORNAL	MANCHETE
Ceará	O Cearense	Milagres na Povoação do Joazeiro do Crato
Pernambuco	Diário de Pernambuco	Fato Extraordinário
Rio de Janeiro	O Apostolo	Fato Miraculoso
Minas Gérias	Jornal de Minas	A Beata Maria do Crato
O Povo (Cidade de Caicó)	Rio Grande do Norte	Milagres na Povoação do Joazeiro do Crato

Fonte: Tabela elaborada pela autora

Outros jornais reproduziram a notícia, publicando o documento na íntegra ou em partes. Porém, chamamos atenção para a publicação do documento no jornal *O Apostolo*, do Rio de Janeiro, por se tratar do maior jornal católico do Brasil e porta-voz das posições oficiais da Igreja, bispos, padres e leigos ultramontanos. O periódico fez 31 publicações sobre os fenômenos do Juazeiro entre os anos de 1889 a 1898. Até 1891 as notícias se deram no sentido de considerar a possibilidade de ser milagre os fatos do Juazeiro, a ponto de se publicar em 27 de maio um editorial intitulado UM MILAGRE.

A publicação do atestado provocou na imprensa um acirrado debate entre médicos que, ao contestar as conclusões do dr. Madeira, levantaram diversas teses sobre a origem dos sangramentos, entre elas, histeria da beata, mulher tísica, etc.

Se a intenção era a de chamar a atenção da Igreja do Ceará, a estratégia foi um sucesso, uma vez que, com a grande repercussão do atestado o bispo diocesano, Dom Joaquim, convocou o padre Cícero para prestar esclarecimentos e nomeou uma Comissão Episcopal para averiguar os fatos.

Neste momento, mais precisamente, tem início um novo ciclo de narrativas, embates, estratégias e disputas em torno dos fatos extraordinários do Juazeiro, desencadeando uma longa e polêmica querela que ainda hoje provoca acusações, defesas, análises.

Sites consultados

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>

Referências

ARRUDA, João. **Padre Cícero**: Religião, política e Sociedade. Fortaleza: Editora INESP, 2002.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **Juazeiro do Padre Cícero**: A terra da mãe de Deus. 2ª ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2008.

BARBOSA, Marialva. **Jornalistas, Senhores da memória?** IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2004. Disponível em: <https://tinyurl.com/y4w33e94>

_____. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

_____. **História Cultural da Imprensa (1800-1900)**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

BARTHES, R. **Structure du fait divers**, Essais critiques. Paris: Seuil, 1966. In: DION, Silvie. O "fait divers" como gênero narrativo. Revista 34 P&B. 123 10/10/2007. Disponível em: <file:///C:/Users/Maria/Downloads/11944-51907-1-SM.pdf>

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FORTI, Maria do Carmo P. **Maria de Araújo**, a beata do Juazeiro. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

PINHO, Maria de Fátima de Moraes. **Acontecimentos extraordinários do Joazeiro**: O milagre da transformação da Hóstia Sagrada em sangue, nas páginas do jornal O Apóstolo, do Rio de Janeiro (1889-1898). Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História. Disponível em: <https://tinyurl.com/yxdn588c>.

_____. **Padre Cícero**: anjo ou demônio? Teias de notícias e ressignificações do acontecimento padre Cícero (1870-1915). Tese de doutorado defendida no programa de pós-graduação em História Sociais da UFF - Rio Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/2173.pdf>

SOBREIRA, Azarias. **O Patriarca de Juazeiro**. Petrópolis, 1968.

Maria de Fátima Moraes Pinho

Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Professora Adjunta M do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri – URCA.